



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 13/11/2020 a 19/11/2020

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e Bacharel em – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
13/11/2020	11,41	388,10	37,13	5,93	4,10
16/11/2020	11,53	389,30	37,43	5,98	4,16
17/11/2020	11,69	395,80	37,50	5,95	4,20
18/11/2020	11,75	394,90	38,46	5,97	4,25
19/11/2020	11,77	393,70	38,81	5,91	4,22
Média	11,63	392,36	37,87	5,95	4,19

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	161,00	
RS – Não Me Toque	161,00	
RS – Londrina	148,00	
PR – Cascavel	148,50	
MT – C.N.Parecis	164,00	
MS – Maracaju	168,00	CIF
GO - Rio Verde	156,00	
BA – L.E.Magalhães	163,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	85,00	CIF
Porto de Paranaguá	75,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	81,00	
SC – Rio do Sul	78,00	
PR – Cascavel	69,00	
PR – Londrina	69,00	
MT – C.N.Parecis	69,00	
MS – Maracaju	71,00	
SP – Itapetininga	80,00	
SP – Campinas	83,00	CIF
GO – Rio Verde	68,00	
GO – Jataí	70,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	76,00	
RS – Não Me Toque	77,00	
PR – Londrina	76,00	
PR – Cascavel	77,00	

Período: 18/11/2020

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 19/11/2020**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	80,19	162,38	79,11

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
19/11/2020**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	102,42
Feijão (saco 60 Kg)	241,30
Sorgo (saco 60 Kg)	58,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,79
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,08**
Boi gordo (Kg vivo)*	8,33

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Outubro/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago continuaram subindo, buscando o teto dos US\$ 12,00/bushel, algo que não é visto há mais de seis anos. Assim, o fechamento para o primeiro mês cotado, neste dia 19/11, ficou em US\$ 11,77/bushel, contra US\$ 11,37 uma semana antes. Apesar de alguns fundamentos importantes, o movimento é muito especulativo e, na medida em que as condições de mercado se acomodarem, a tendência é de as cotações voltarem abaixo dos US\$ 10,00. Especialmente porque as altas do momento levam as projeções para o plantio da futura safra de soja nos EUA a ter um aumento de 7% em sua área. A mesmo tempo, o retorno da chuva em boa parte das áreas produtoras do Brasil e da Argentina acalmou momentaneamente o mercado.

Nos EUA a colheita está quase concluída, tendo atingido a 96% da área até o dia 15/11, enquanto a média histórica é de 93% para esta época do ano.

Enquanto isso, as exportações estadunidenses de soja avançam fortemente, especialmente para a China. Na semana encerrada em 05/11 o volume vendido foi de 1,5 milhão de toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. Até aquela data o total exportado pelos EUA atingia a 49,9 milhões de toneladas em um ano, contra pouco mais de 22 milhões na mesma época do ano passado. Este comportamento exportador, visto igualmente no Brasil, é um dos elementos principais das fortes altas recentes em Chicago.

Já na semana encerrada em 12/11 os EUA exportaram mais 2,2 milhões de toneladas, somando no ano comercial atual um total de 22,2 milhões de toneladas, ou seja, 78% acima do que um ano antes.

Por sua vez, a Associação Nacional dos Processadores de Oleaginosas dos EUA informa que o esmagamento de soja naquele país atingiu a 5,04 milhões de toneladas em outubro, ficando acima das expectativas do mercado. Em setembro o volume esmagado ficou em 4,4 milhões de toneladas.

Pelo sim ou pelo não, o fato é que o movimento altista em Chicago está levando os produtores estadunidenses a obterem lucros importantes após as perdas durante o auge da guerra comercial com a China, entre 2018 e 2019. Hoje, a forte exportação para o país asiático, assim como no caso do Brasil e da Argentina, tem sustentado os preços da oleaginosa.

Além disso, os produtores estadunidenses estão aproveitando o fato de o Brasil ter exportado mais do que devia e, agora, igualmente importa soja, inclusive dos EUA, para manter suas indústrias moageiras funcionando. Mas todos praticamente concordam que a disparada de preços é atípica e pode se reverter logo adiante confirmando o velho ditado de que “quanto mais alta a árvore mais forte é o tombo”.

No Brasil, parte dos operadores de mercado começam a se preocupar com possibilidade de muitos produtores da nova safra não poderem cumprir os contratos futuros estabelecidos, seja por perdas climáticas seja por alteração nos preços do mercado, já que muitos dos contratos não teriam garantia de que o grão será entregue, pois não houve pré-pagamento por parte dos compradores. Isso poderia ocorrer com

maior intensidade se os preços da oleaginosa subirem ainda mais no momento de entregar o produto. Mas para que estes preços subam, será preciso que o Real continue se desvalorizando e Chicago se mantenha nos atuais níveis de preço, duas situações possíveis, porém, improváveis se a safra sul-americana for normal e o Brasil avançar, finalmente, com seu ajuste fiscal após o segundo turno das eleições municipais.

Na Argentina, o plantio da soja atingiu a 20% da área, que é estimada em 17,2 milhões de hectares, contra 19 milhões inicialmente projetados. Em função do clima ruim em muitas regiões do vizinho país, a projeção local para a futura safra caiu, assim, para 46,5 milhões de toneladas, contra 55 milhões inicialmente esperados.

Atualmente a Argentina teria vendido 69% da sua última safra, contra 72% um ano antes nesta época. Com o imposto de exportação pesando sobre os preços da soja, os produtores locais têm poucas vantagens com o aumento dos preços internacionais da oleaginosa. O câmbio para exportação, chamado de “dólar soja”, tem uma enorme diferença em relação ao “dólar oficial”. Tanto é verdade que em relação a futura safra, que ora está sendo plantada, enquanto o Brasil já vendeu antecipadamente mais de 53% da mesma, os argentinos venderam apenas 7%.

Este quadro coloca as indústrias argentinas em alerta, pois as poucas vendas por parte dos produtores locais compromete o fornecimento de farelo e óleo de soja ao mercado mundial. Lembrando que a Argentina responde por quase 50% das exportações mundiais destes dois subprodutos. Isto ajuda a explicar o forte aumento de suas cotações em Chicago nestes últimos dois meses.

Aqui no Brasil, com o recuo do dólar para níveis próximos de R\$ 5,30, e com pouca soja disponível para exportar, os preços da oleaginosa, pela primeira vez em semanas, recuou em sua média. O balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 162,38/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços assim ficaram: R\$ 148,00 a R\$ 148,50 no Paraná; R\$ 164,00 em Campo Novo do Parecis (MT); R\$ 168,00 no CIF em Maracaju (MS); R\$ 156,00 em Rio Verde (GO); e R\$ 163,00/saco em Luís Eduardo Magalhães (BA).

Enquanto a futura safra já está comercializada em mais de 53% do total esperado, o plantio caminha para a finalização no Brasil, com grandes dificuldades em algumas regiões devido a falta de chuvas. É o caso do Rio Grande do Sul em particular, mas também há problemas em outros Estados. No Mato Grosso, por exemplo, o problema climático já leva analistas a projetarem que a safra local não atingirá mais o recorde entre 35,8 e 36,8 milhões de toneladas, mesmo que a semeadura alcance 10,3 milhões de hectares. O plantio, atrasado, teria chegado a 94% da área até o início da presente semana naquele Estado. Esse problema também atinge em parte o Paraná, onde o norte do Estado está muito atrasado, comprometendo a produtividade final. Os paranaenses esperam colher 19 a 20 milhões de toneladas de soja. A qualidade das lavouras paranaenses está menor do que a do ano passado, sendo que as lavouras em condições boas a excelentes registram 70% do total, ou seja, 10 pontos percentuais a menos do que no mesmo período do ano passado. No caso gaúcho, embora a janela de plantio seja mais ampla, igualmente há muitas regiões com atraso em relação a média histórica.

Nesta situação, a nova safra deverá entrar no mercado apenas em fevereiro, atrasando um pouco mais a oferta em um momento em que praticamente já não existe soja disponível.

Neste contexto, a exportação brasileira de soja igualmente diminuiu, com a média diária na segunda semana de novembro caindo pela metade em relação a semana anterior. O volume é menos da metade da exportação diária realizada em novembro de 2019.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago igualmente subiram nesta semana, com o primeiro mês cotado fechando a quinta-feira (19) em US\$ 4,22/bushel, contra US\$ 4,08 uma semana antes.

Mesmo com a colheita chegando ao final e pressionando o mercado, os preços não cedem. Cerca de 95% da área de milho nos EUA estava colhida em 15/11, contra a média histórica de 87% para esta época.

Já os compromissos de exportações estadunidenses de milho somaram 978.300 toneladas na semana anterior. Com isso, o total comprometido atinge a 34,2 milhões de toneladas neste ano comercial, contra pouco mais de 12 milhões no ano anterior no mesmo período. O governo estadunidense calcula uma exportação total de milho, em 2020/21, na altura de 67,3 milhões de toneladas. Até meados de novembro, foram efetivamente embarcadas no atual ano comercial, iniciado em 1º de setembro, um total de 8,4 milhões de toneladas, volume 68% maior do que no mesmo período de 2019.

Por sua vez, na Argentina o plantio da nova safra de milho chegou a 43% da área esperada, contra 41% semeados em igual momento do ano anterior. A Argentina espera plantar 9,4 milhões de hectares de milho neste ano, ou seja, 0,53% menos do que o ano passado.

E no Brasil, os preços do cereal continuaram subindo em muitas regiões. A média no balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 80,19/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços médios assim ficaram: R\$ 78,00 no centro de Santa Catarina; R\$ 69,00 no Paraná e em Campo Novo do Parecis (MT); R\$ 71,00 em Maracaju (MS); R\$ 80,00 em Itapetininga (SP); R\$ 83,00 no CIF Campinas (SP); R\$ 70,00 em Jataí e R\$ 68,00/saco em Rio Verde, ambas em Goiás.

Por outro lado, a comercialização da safra de verão 2020/21 do milho, no centro-sul brasileiro, já atingia a 21% no início da semana, sendo um recorde para a época. No ano passado, nesta época, as vendas atingiam apenas 5% da produção esperada, enquanto a média histórica é de 3,2% para o período. Enquanto isso, a segunda safra (safrinha) já estaria vendida em 39% de sua produção esperada, contra 26% no ano passado e 15% na média histórica para esta época. A expectativa é de que a produção total de milho no Brasil em 2020/21 alcance 114,5 milhões de toneladas, sendo 27,8 milhões na primeira safra e 86,7 milhões na segunda. Em relação a safra 2019/20 a safra de verão já está vendida em 97% e a segunda safra em 88%. (cf. Datagro)

A exportação de milho igualmente começou a se reduzir neste mês de novembro. Segundo a Secex, nos nove primeiros dias úteis do corrente mês o Brasil exportou 2,27 milhões de toneladas de milho, lembrando que em outubro as vendas externas atingiram a 5,16 milhões de toneladas. A média diária ficou 2,13% menor do que a média do mês passado, embora esteja 22,8% acima da média diária de novembro de 2019. O preço da tonelada exportada atingiu a US\$ 181,50 em novembro.

Enquanto isso, a Anec estima que as exportações nacionais de milho em novembro fiquem em 4,8 milhões de toneladas. Portanto, para chegar a este volume o país terá que exportar mais 2,53 milhões de toneladas no restante do mês de novembro.

Já no mercado interno, os produtores se retraíram nas vendas diante da possibilidade de quebra da safra de verão de milho devido a falta de chuvas em muitas regiões. Dito isso, no Centro-Oeste, parte do Sudeste e no Matopiba as chuvas retornaram com força nesta semana.

Enfim, no Paraná, 98% da área de milho verão está semeada, com 11% entrando em floração e 71% das mesmas estando em boas condições. (cf. Deral) No Mato Grosso do Sul, os produtores locais negociaram 70% das 10,6 milhões de toneladas de milho colhidas na recente safrinha, com o preço médio subindo para R\$ 71,50/saco. Houve um leve recuo nestes valores, sobre a semana anterior, porém, ainda assim tais preços estão muito acima dos R\$ 33,50/saco que foi a média regional no ano passado. (cf. Famasul)

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago se mantiveram praticamente estáveis, com leve viés de alta. Após se aproximar novamente dos US\$ 6,00/bushel, o mercado cedeu durante a semana e o primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (19) em US\$ 5,91/bushel, contra US\$ 5,88 uma semana antes.

Nos EUA o plantio do trigo de inverno chegou a 98% da área esperada até o dia 15/11, contra a média histórica de 96% nesta época. Enquanto isso, as condições das lavouras apresentavam 18% entre ruins a muito ruins, 36% regulares e 46% entre boas a excelentes.

Ao mesmo tempo, as exportações semanais dos EUA atingiram a 325.948 toneladas de trigo, ficando dentro das expectativas do mercado. No acumulado do ano comercial são 12 milhões de toneladas exportadas, volume pouco superior ao registrado no mesmo período do ano anterior.

Já no Brasil, onde a colheita está praticamente encerrada, os preços se mantiveram firmes, porém, com um viés de estagnação. A média gaúcha no balcão ficou em R\$ 79,11/saco, enquanto no Paraná os preços oscilaram entre R\$ 76,00 e R\$ 77,00/saco.

O clima continua sendo o elemento central da atual safra de trigo nacional. Agora é o Estado de São Paulo que acusa perdas em função da falta de chuvas. O volume

produzido seria de 260.000 toneladas, o que significa 15% a menos do que o projetado inicialmente.

O fato é que o mercado está muito volátil, colocando a indústria moageira em dúvida quanto ao preço que deve fixar na farinha visando o repasse ao consumidor.

Por enquanto, o preço do trigo, e grande parte dos preços das demais commodities, estão sob influência da pandemia, especialmente agora com a chamada “segunda onda” da Covid-19 em grande parte do mundo.

No Rio Grande do Sul, a colheita do trigo chegava a 95% da área semeada no dia 12/11. Em muitas regiões do Estado a quebra é de 50%, enquanto em outras a mesma recua para 30% e até menos.

Enfim, o enfraquecimento do dólar no Brasil nos últimos dias tornou mais barato o trigo importado, fato que força uma pressão de baixa nos preços internos. Entre os dias 09 e 16 de novembro, segundo o Cepea/Esalq, o preço no Rio Grande do Sul recuou 2,3% e no Paraná 2,8%.

Segundo o último relatório da Conab, divulgado agora em novembro, a produção brasileira de trigo ficaria em 6,3 milhões de toneladas, sendo 7% menor do que o indicado no relatório anterior. Mesmo assim, julgamos que tal número ainda está superestimado frente as quebras importantes ocorridas no Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina e outros Estados. Mas, em ficando neste volume, as importações estão projetadas em 6,8 milhões de toneladas para este ano comercial, diante de um consumo interno esperado em 11,8 milhões de toneladas e exportações ao redor de 700.000 toneladas.